

DISTÚRBO NEUROLÓGICO EM FURÃO (*Galictis cuja*) ATENDIDO NO CENTRO DE TRIAGEM E REABILITAÇÃO DE ANIMAIS SILVESTRES (CETRAS/UNICENTRO): RELATO DE CASO

¹ EBERL, Stephany Camargo; ² OLIVEIRA, Beatriz Scarabel de; ³ GATTERMANN, Fernanda; ⁴ CUCHI, Renata; ⁵ ROLIM, Luna Scarpari; ⁶ SOUZA, Rodrigo Antonio Martins de

¹ Acadêmica do curso de Medicina Veterinária, Universidade Estadual do Centro-Oeste

² Acadêmica do curso de Medicina Veterinária, Universidade Estadual do Centro-Oeste

³ Residente em Medicina de Animais Silvestres, Universidade Estadual do Centro-Oeste

⁴ Residente em Medicina de Animais Silvestres, Universidade Estadual do Centro-Oeste

⁵ Professora orientadora, Universidade Estadual do Centro-Oeste

⁶ Professor orientador, Universidade Estadual do Centro-Oeste

stephany.veterinaria03@gmail.com

Resumo

O furão-pequeno (*Galictis cuja*) é frequentemente vítima de traumas antrópicos. Relata-se caso de distúrbio neurológico pós-traumático em exemplar jovem atendido no CETRAS da UNICENTRO após ataque por cães. O animal apresentou sinais neurológicos e convulsões a partir do quinto dia. O tratamento incluiu diazepam e fenobarbital, com recidiva após 14 dias. O caso evidencia a necessidade de monitoramento contínuo e ajustes terapêuticos individualizados.

Palavras-chave: Distúrbio neurológico. *Galictis cuja*. Mustelídeo. Trauma cranioencefálico. Tratamento anticonvulsivante.

Introdução

O furão-pequeno (*Galictis cuja*) é um mustelídeo neotropical de pequeno porte amplamente distribuído na América do Sul, ocorrendo em diversos biomas brasileiros, como a Mata Atlântica, Cerrado, Pantanal e Pampa (Helgen; Schiaffini, 2016; Kasper *et al.*, 2013).

Embora classificado como “pouco preocupante” pela União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN) e pelas listas nacionais brasileiras, a espécie enfrenta ameaças antrópicas como atropelamentos, perda de habitat, caça e conflitos com animais domésticos, que frequentemente resultam em traumas, incluindo o trauma cranioencefálico (Helgen; Reid, 2008; Kasper *et al.*, 2013; Sá *et al.*, 2020).

Nesse contexto, a atuação dos Centros de Triagem e Reabilitação de Animais Silvestres (CETRAS) desempenham papel fundamental na conservação *ex situ*, recebendo animais vítimas de traumas e proporcionando condições para estabilização clínica, monitoramento e, quando possível, reintrodução à natureza (Junior *et al.* 2023).

Objetivos

Relatar o atendimento clínico e a evolução de um caso de distúrbio neurológico pós-traumático em um exemplar jovem de *Galictis cuja* atendido no CETRAS da UNICENTRO após ataque por cães.

Metodologia

Trata-se de um relato de caso retrospectivo, baseado no atendimento clínico de um exemplar jovem de furão-pequeno (*Galictis cuja*) encaminhado ao CETRAS da UNICENTRO pelo IAT-ERUVI, em 24 de fevereiro de 2026, proveniente do município de União da Vitória, Paraná, após ataque por cães.

Na admissão, o animal apresentava peso aproximado de 350 g, encontrava-se apático, hipotérmico, com tremores, inclinação de cabeça (*head tilt*) e acentuado desequilíbrio postural com constante queda para os lados. Os achados neurológicos eram compatíveis com possível trauma cranioencefálico secundário ao ataque, embora não tenham sido observadas lesões externas na região craniana. Foi submetido à avaliação clínica completa e exame radiográfico, que não evidenciaram alterações associadas aos sinais neurológicos, porém revelaram enfisema subcutâneo e sinais sugestivos de peritonite decorrentes das mordeduras nas regiões torácica e abdominal.

O paciente foi mantido em unidade de terapia intensiva (UTI), sendo instituído tratamento com metronidazol (20 mg/kg), amoxicilina com clavulanato (30 mg/kg), prednisolona (2 mg/kg), dipirona (25 mg/kg) e meloxicam (0,5 mg/kg). Durante a evolução clínica, foram realizados monitoramentos neurológicos e metabólicos, incluindo mensuração de glicemia, a fim de descartar causas metabólicas como hipoglicemia.

A partir do quinto dia de internação, o animal apresentou episódios convulsivos. O primeiro episódio foi controlado com a administração IM de diazepam (1 mg/kg). No dia subsequente, houve nova convulsão com duração aproximada de dois minutos, cessando espontaneamente. Diante da recorrência das crises, instituiu-se tratamento contínuo com fenobarbital (0,2 mg/kg, VO a cada 12 horas). Inicialmente, houve estabilização do quadro neurológico e ausência de novas crises convulsivas, porém, após 14 dias de uso contínuo de fenobarbital, o animal voltou a apresentar convulsão.

Resultados e Discussão

O traumatismo cranioencefálico (TCE) envolve uma injúria primária (mecânica, no momento do trauma) e secundária (horas a dias após, envolvendo isquemia, edema e inflamação) (Sande; West, 2010). Diante disso, a convulsão representa uma manifestação clínica da atividade elétrica anormal do cérebro, podendo ocorrer como consequência desses processos fisiopatológicos pós-traumáticos (Thomas, 2000).

As convulsões em furões domésticos (*Mustela putorius furo*) são mais comumente causadas por hipoglicemia secundária a insulínoma, porém essa condição é pouco comum em mustelídeos selvagens (Huynh; Piazza, 2020). Em animais silvestres, a hipoglicemia por insulínoma é rara, uma vez que a doença está fortemente associada ao envelhecimento e a fatores relacionados à criação em cativeiro (Costa *et al.*, 2024). Em mustelídeos selvagens, os distúrbios neurológicos com manifestações convulsivas estão mais frequentemente relacionados a causas traumáticas, infecciosas, tóxicas ou inflamatórias (Vianna, [s.d.]).

Diante da recorrência dos episódios, foram iniciadas investigações clínicas complementares, incluindo avaliação glicêmica, que se manteve dentro dos valores de referência para mustelídeos domésticos (70–140 mg/dL), descartando hipoglicemia (Huynh; Piazza, 2020). O manejo das convulsões em mustelídeos segue protocolo escalonado. De acordo com Antinoff; Giovanella (2011), quando a glicemia está normal, recomenda-se o uso inicial de diazepam (0,5-1,0 mg/kg IV, ou IM, intranasal ou retal com dose dobrada). Na persistência das crises, pode-se instituir infusão contínua de diazepam ou fenobarbital. O controle a longo prazo é realizado com fenobarbital oral (1-2 mg/kg VO a cada 8-12 horas), podendo ser associado ao brometo de potássio (22-30 mg/kg/dia) (Antinoff; Giovanella, 2011).

No presente caso, o trauma foi a principal suspeita etiológica, embora a cronologia das convulsões seja sugestiva de sequelas pós-traumáticas. Embora tenha sido realizada avaliação radiográfica, exames complementares adicionais, como hemograma, perfil bioquímico, sorologias e exames de imagem avançados, seriam importantes para excluir causas infecciosas, tóxicas, metabólicas e inflamatórias, bem como lesões estruturais do sistema

nervoso central (Xi; Keep; Hoff, 2006; Sande; West, 2010). A recorrência das crises pode estar atribuída à dose inicialmente baixa de fenobarbital ou à lesão cerebral pós-traumática.

A escassez de estudos em mustelídeos silvestres dificulta a adoção de protocolos baseados em evidências, uma vez que as diretrizes clínicas são frequentemente extrapoladas de furões domésticos.

Conclusão

O manejo do trauma cranioencefálico em furão-pequeno (*Galictis cuja*) demanda abordagem diagnóstica criteriosa e protocolo terapêutico escalonado. A recorrência de episódios convulsivos mesmo com o uso de fenobarbital evidencia a necessidade de ajustes terapêuticos individualizados e monitoramento contínuo.

Referências

- ANTINOFF, N.; GIOVANELLA, C. J. Musculoskeletal and Neurologic Diseases. *In*: QUESENBERRY, K.; MANS, C.; ORCUTT, C. (ed.) **Ferrets, rabbits, and rodents: clinical medicine and surgery**. 3. ed. St. Louis: Saunders/Elsevier, 2011. p. 132-140.
- COSTA, T. D.; SEGURA, J. G.; FERREIRA, K. N. A.; ANOBI, B. T. Insulinoma in ferret (*Mustela putorius furo*) - case report. **Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia**, v. 76, n. 1, p. 103-108, 2024.
- HELGEN, K.; SCHIAFFINI, M. *Galictis cuja*. *In*: **The IUCN Red List of Threatened Species**. Gland: IUCN, 2016.
- HUYNH, M.; PIAZZA, S. Musculoskeletal and neurologic diseases. *In*: QUESENBERRY, K.; MANS, C.; ORCUTT, C. (ed.) **Ferrets, rabbits, and rodents: clinical medicine and surgery**. 4. ed. St. Louis: Elsevier, 2020. cap 10, p. 117-130.
- JUNIOR, J. C. da S.; COSTA, L. G. S.; OLIVEIRA, Y. M.; ALVES, G. G. **Importância da reabilitação de animais silvestres para a conservação da biodiversidade**. 2023. 13 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Medicina Veterinária), Centro Universitário UNA Bom Despacho, 2023.
- KASPER, C. B.; LEUCHTENBERGER, C.; BORNHOLDT, R.; PONTES, A. R. M. Avaliação do risco de extinção do Furão *Galictis cuja* (Molina, 1782) no Brasil. **Biodiversidade Brasileira**, v. 3, n. 1, p. 203-210, 2013.
- REID, F.; HELGEN, K. *Galictis cuja*. *In*: **The IUCN Red List of Threatened Species**. IUCN, 2010.
- SÁ, M. L. CAVALCANTI, E. A. N. L. D.; PASSINI, Y.; FRANÇA, R. T. Trauma cranioencefálico em furão-pequeno (*Galictis cuja*). *In*: **SEMANA INTEGRADA DE INOVAÇÃO, ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO (SIEPE), 6., 2020, Pelotas. Anais [...]**. Pelotas: Universidade Federal de Pelotas, 2020.
- SANDE, A.; WEST, C. Traumatic brain injury: a review of pathophysiology and management. **Journal of Veterinary Emergency and Critical Care**, v. 20, n. 2, p. 177-190, 2010.
- THOMAS, W. B. Idiopathic epilepsy in dogs. *In*: GARDNER, M. **Veterinary Clinics of North America: Small Animal Practice**, Philadelphia, v. 30, n. 1, p. 183-206, 2000.
- VIANNA, L. F. C. G. Introdução à neurologia veterinária. Seropédica: **Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro**, Instituto de Veterinária, Departamento de Medicina e Cirurgia, [s.d.].
- XI, G.; KEEP, R. F.; HOFF, J. T. Mechanisms of brain injury after intracerebral haemorrhage. **The Lancet Neurology**, v. 5, n. 1, p. 53-63, 2006.